

O exílio do homem cordial: ensaios e revisões

de João Cezar de Castro Rocha
Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. 334 p.

Jaime Ginzburg
(USP)

Em um momento em que a função da crítica literária está em debate, o aparecimento do livro *O exílio do homem cordial: ensaios e revisões* é importante. Chama a atenção a conciliação, sempre difícil de realizar, entre uma erudição rara, clareza de exposição e densidade argumentativa. O autor se compromete com a fidelidade às fontes, recuperando no itinerário de referências e citações os passos realizados na construção das reflexões. O volume inclui artigos anteriormente publicados e trabalhos inéditos. O conjunto dos textos é exposto de acordo com uma arquitetura que motiva a leitura do livro como unidade, ultrapassando as especificidades temáticas dos capítulos.

João Cezar de Castro Rocha é conhecido por trabalhos anteriores, dos quais alguns, como o premiado *Literatura e cordialidade* (1998), fundamentam os pilares em que, em continuidade de um percurso coerente, com aumento de complexidade, surge *O exílio do homem cordial: ensaios e revisões*.

Trata-se de um livro em que metodologia e procedimentos não são apenas condições de estudo dos objetos. O livro pede uma atenção dedicada a seu percurso de elaboração. Para usar um termo adorniano, Castro Rocha é um investigador fortemente interessado no estabelecimento de *mediações* no trabalho de análise e interpretação. Longe de reproduzir perspectivas interpretativas consagradas ou se acomodar em modelos críticos previamente reverenciados, o autor tem a coragem, pautada na independência intelectual, de apresentar mediações com base em critérios seletivos e organizadores próprios, em razão, como é possível verificar no livro a cada capítulo, de desafios propostos pelos textos que elege como objetos.

Esse trabalho de mediação não é feito sem uma forte consciência histórica. Pelo contrário, para Castro Rocha, entram em pauta questões básicas, como as variações de emprego de certas palavras, e as diferentes condições de circulação de publicações, e também olhares abrangentes sobre as grandes linhas de força na vida intelectual brasileira, nos séculos XIX e XX. Por isso é possível estender o mérito do livro, para além dos estudos literários, para a reflexão sobre a história da cultura brasileira, em diversos de seus campos de produção. Salta aos olhos o esforço constante do autor em situar cada objeto em um movimento histórico, levando em conta conflitos internos a esse movimento.

Um dos momentos altos do livro, dentro da contundente reflexão sobre Euclides da Cunha, está no questionamento sobre a leitura de Luiz Costa Lima. Ao avaliar o livro *Terra Ignota*, Castro Rocha propõe uma articulação entre a clássica avaliação da precariedade do sistema intelectual brasileiro, exposta em *Dispersa demanda*, e o modo de ler Euclides da Cunha, expondo, por meio da demonstração de um vínculo entre os dois trabalhos de Costa Lima, como a questão dos intelectuais no Brasil se aproxima da avaliação de Cunha. Trata-se de prova de que, sendo feito com o necessário rigor, um estudo de um texto crítico pode reverter em amplo horizonte de perspectiva de entendimento de um contexto cultural e intelectual.

Outra parte a destacar é a elaborada e meticulosa discussão sobre Sílvio Romero. Castro Rocha expõe com originalidade e detalhamento as relações entre Romero e Machado de Assis, dando inteligibilidade ao movimento de interlocução entre os dois, rompendo com os estereótipos canônicos de percepção do assunto. Os pesquisadores da obra de Machado encontrarão estímulo na abordagem das relações do escritor com a Revista do Instituto Histórico e Geográfico, em perspectiva também original.

É constante, ao longo do livro, encontrar uma atitude analítico-interpretativa que, de modo resumido, talvez pudesse ser formulada como uma conduta que procura romper com esquemas redutores, utilizados pela crítica de modo confortável e vicioso, preferindo dar visibilidade a tensões que, perpassando de modo direto ou indireto os textos examinados, são constitutivas de problemas persistentes na história cultural brasileira. Contrariando o que denomina “narrativas dicotômicas”, o pesquisador caminha por percursos em que vão surgindo conexões, às vezes inesperadas, entre os textos. Essas

conexões são articuladas de muitas e diferentes maneiras, evitando sempre a polarização facilitadora e os enquadramentos moralizantes das disputas ideológicas. A estratégia de inserir no horizonte uma reflexão abrangente sobre o homem de letras e a cordialidade no Brasil opera de modo lúcido as passagens dos casos específicos para os juízos genéricos.

Virtude rara na crítica brasileira, Castro Rocha é um pesquisador persistente. Embora, de uma parte para outra do livro, mude o texto ou autor em pauta na reflexão, as questões de fundo vão se integrando em um eixo coeso. Podemos ver sugerido um movimento de amarração das partes em algumas passagens. Como na página 271, quando é comentado Tobias Barreto, lemos: “a tarefa crítica somente se realiza se as teorias importadas forem submetidas a uma bem dosada torção conceitual, a fim de dar conta da especificidade da circunstância local”. Um fenômeno processual e constante é observado – a adequação, especificada como *torção*, de idéias importadas, dentro do contexto brasileiro. A vida intelectual brasileira se constitui como processo de desdobramento constante de tensões. O livro discute, perpetuando em sua interrogativa conclusão, a dúvida sobre o lugar da cordialidade nesse contexto, dialogando com as profundas incertezas vividas hoje, pela área de estudos literários, sobre os rumos do papel do intelectual e a capacidade transformadora do trabalho crítico. O livro de Castro Rocha traz uma contribuição forte e importante para debates da área, e o desassossego que o move levará, com certeza, à busca de novas mediações.